

HISTÓRIA E TERRITÓRIOS

A presente edição de *Transversos* reúne um conjunto de reflexões que tomam os territórios e fronteiras como importantes chaves de leitura para a compreensão das múltiplas experiências históricas. Mais do que espaços delimitados por fronteiras políticas e administrativas predeterminadas, os territórios são aqui entendidos como construções históricas, atravessadas por relações de poder, disputas e conflitos sociais, deslocamentos, formas de pertencimento, práticas de resistência e processos de produção de memórias. As fronteiras, por sua vez, aparecem menos como linhas rígidas de separação e mais como espaços de contato, circulação, conflito, negociação e produção de diferenças. A diversidade temática e espacial dos trabalhos reunidos nesta edição permite, portanto, observar como essas categorias assumem diferentes significados em contextos históricos distintos e como são continuamente produzidas e transformadas pelos sujeitos.

O dossiê “História e Território” parte justamente dessa perspectiva ampliada, reunindo pesquisas que percorrem diferentes temporalidades, sociedades e experiências históricas. Em comum, os trabalhos compartilham a preocupação em compreender o território como uma dimensão constitutiva das relações sociais e políticas, interrogando as formas pelas quais determinados espaços são ocupados, nomeados, disputados, narrados e apropriados. Nesse percurso, o dossiê desloca o território de uma concepção estritamente espacial e para uma compressão múltipla, destacando sua dimensão política, econômica, cultural e simbólica.

No artigo “Doação de terras: projeto português e prática Mbundu no ideal de conquista em Angola, 1571-1607”, Luciana Lucia da Silva analisa as dinâmicas da ocupação colonial em Angola a partir das relações entre o projeto português de conquista e as práticas políticas Mbundu. Ao examinar a doação de terras, a autora aponta que a constituição da ordem colonial não se deu de maneira linear ou unilateral, mas foi marcada por negociações, apropriações e disputas entre diferentes projetos e formas de exercício do poder. O território aparece, nesse caso, como espaço de conflito e negociação, no qual diferentes sujeitos elaboraram estratégias para preservar, ampliar ou redefinir seus interesses.

A dimensão simbólica da produção territorial está presente no artigo “Toponímia popular e urbanização informal: o bairro Iraque como espaço de memória e resistência em Luanda”, de Nsambu

Vicente. Ao investigar a toponímia popular do bairro Iraque, da capital angolana, o autor demonstra como a nomeação dos lugares constitui uma prática por meio da qual grupos sociais inscrevem suas experiências e memórias na paisagem urbana. Os nomes dos espaços tornam-se, assim, elementos de identificação e pertencimento, mas também formas de resistência diante das transformações urbanas e das tentativas de ordenamento e ressignificação da cidade. O território é, portanto, também um espaço de memória, construído cotidianamente por aqueles que o habitam.

A dimensão conflitiva do território encontra uma expressão particularmente contundente no artigo “Resistências territoriais: narração, sobrevivência e a construção de espaços-temporais frente à ocupação da Palestina em obras literárias”, de Carolina Ferreira de Figueiredo. Ao analisar obras literárias relacionadas à experiência palestina, a autora salienta como a narrativa e a literatura podem constituir formas de elaboração da experiência da ocupação, da expropriação e do deslocamento. Nesse sentido, as práticas de sobrevivência e as narrativas construídas pelos sujeitos produzem espaços-temporais de resistência, preservando memórias e experiências diante de processos que buscam transformar profundamente as relações com o território.

A reflexão sobre as fronteiras assume outra dimensão no artigo “Tony Judt: um historiador de fronteiras”, de Leandro de Carvalho Augusto. Ao revisitar a trajetória intelectual de Tony Judt, o autor propõe compreender sua produção a partir das diferentes fronteiras que atravessaram sua experiência: fronteiras geográficas, políticas, culturais e historiográficas. A trajetória de Judt demonstra a importância dos deslocamentos e das experiências transnacionais para a construção do conhecimento histórico, ao mesmo tempo em que questiona fronteiras disciplinares e interpretações excessivamente circunscritas aos espaços nacionais.

Encerrando o dossiê, o artigo “Por uma outra matriz epistêmica: território de afetos e práticas de mulheres quilombolas”, de Livia Conceição, amplia ainda mais a discussão ao propor uma reflexão sobre outras formas de compreender e produzir o território. Ao privilegiar as experiências de mulheres quilombolas, o texto desloca concepções tradicionais e frequentemente universalizantes sobre o espaço, valorizando saberes, vínculos comunitários, práticas cotidianas, afetos e formas de resistência. O território aparece, nesse sentido, como experiência vivida e compartilhada, constituído não apenas por relações econômicas e políticas, mas também por memórias, afetos e conhecimentos produzidos por sujeitos historicamente marginalizados.

A seção de artigos livres amplia o campo de questões proposto pelo dossiê e reafirma a vocação de Transversos para acolher diferentes objetos, temporalidades e perspectivas historiográficas. Em “Os parlamentos Hispano-Mapuche de 1593: Agência indígena e negociação de mundos em terras austrais do continente Americano”, Alessandra Seixlack, Gabriel Biasoli e Fernando Ribeiro investigam as negociações estabelecidas nos parlamentos hispano-mapuche do final do século XVI, destacando a agência

indígena na construção de acordos, relações políticas e formas de convivência em um contexto marcado pela expansão colonial. O artigo contribui, assim, para deslocar interpretações centradas exclusivamente na iniciativa dos agentes coloniais e reconhecer os povos indígenas como sujeitos ativos na construção das relações políticas e territoriais.

Lucas Gomes Medeiros e Guilherme Paiva de Carvalho, em “Cantigas, toques e narrativas: aspectos sociais e cosmoperceptivos das sonoridades Afro-Ameríndias”, voltam-se para as práticas sonoras como espaços de produção de sociabilidades, memórias e cosmopercepções. Ao investigar cantigas, toques e narrativas, o artigo demonstra como a música constitui uma forma de conhecimento e de transmissão de experiências, contribuindo para a construção de mundos compartilhados e para a preservação de saberes.

Por fim, Rodrigo Gomes de Araujo, em “Um homem de cinema: Valêncio Xavier e a construção da história do cinema no Paraná”, recupera a trajetória e a contribuição de Valêncio Xavier para a construção da história do cinema paranaense. Nesse sentido, o articulista explora as relações entre memória, cultura, cinema e produção historiográfica.

A diversidade dos trabalhos reunidos nesta edição reafirmam o compromisso de *Transversos* com uma historiografia plural, aberta ao diálogo interdisciplinar e atenta à diversidade de sujeitos e experiências históricas. Embora partam de objetos, temporalidades e espaços distintos, os artigos convergem ao colocar em questão formas naturalizadas de compreender o espaço, as fronteiras, as identidades e as relações de poder. Seja na experiência colonial em Angola, nas transformações urbanas de Luanda, na ocupação da Palestina, nas trajetórias intelectuais transnacionais, nas experiências de mulheres quilombolas ou nas negociações entre indígenas e colonizadores, entre outras temáticas, o território emerge como uma construção histórica permanentemente disputada.

Assim, os trabalhos aqui publicados convidam os/as leitores/as a pensar territórios e fronteiras não como realidades dadas, mas como processos históricos em permanente movimento: espaços que são produzidos, habitados, imaginados, narrados, atravessados e contestados. Em um presente marcado por intensas disputas territoriais, deslocamentos populacionais, conflitos de fronteira e diferentes formas de reivindicação de pertencimento, compreender historicamente essas experiências significa também lançar novas perguntas sobre os modos pelos quais sociedades constroem seus espaços, suas memórias e seus próprios lugares no mundo.

Comitê Editorial

